

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

FACULDADE DE LETRAS (CLA)

PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA EM MORRESTE-ME, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Marcelle Jnoub Salles

Monografia de graduação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras: Português/ Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gumercinda Nascimento Gonda

Rio de Janeiro / RJ

2022

Marcelle Jnoub Salles

Trabalho apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras: Português/ Literatura.

Prof.^a Dr.^a Gumercinda Nascimento Gonda – Orientadora Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.

Prof.^a Dr.

Aprovada em _____.

Rio de Janeiro / RJ

2022

SALLES, Marcelle Jnoub

S168 e Pelos caminhos da memória em Morreste-me, de José Luís Peixoto / Marcelle Jnoub Salles. Rio de Janeiro, 2022.

32 f.

Orientador: Gumercinda Nascimento Gonda.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciatura em Letras: Português - Literaturas, 2022.

1. Memória. 2. Amor. 3. Escrita. 4. Luto. 5. Morte.

1. GONDA, Gumercinda Nascimento. II. UFRJ/ Letras. III. Licenciatura em Letras: Português/ Literatura.
IV. Título

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283

(Dedicatória)

Aos meus pais por todo o amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar constantemente a minha vida e me dar saúde, força e perseverança para nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus pais, por sempre me auxiliarem nos estudos e me incentivaram a nunca desistir dos meus objetivos.

À minha orientadora Gumercinda Nascimento Gonda, por seus ensinamentos e conselhos.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	09
2. Procedimentos metodológicos	12
3. Objetivos.....	13
4. O sentido da morte e sua representação na leitura de <i>Morreste-me</i>	14
5. A escrita como matéria da memória em <i>Morreste-me</i>	16
6. Entre a lembrança e o esquecimento: algumas importantes considerações sobre a memória.....	18
7. A essência da memória em <i>Morreste-me</i>	21
8. Considerações Finais	25
9 . Referências Bibliográficas.....	30

Resumo:

Este trabalho visa analisar o modo como a memória é expressa no livro "*Morreste-me*" (2000), de José Luís Peixoto. Como tal, buscaremos entender como a memória, assim como o ato da escrita, é uma forma de transgredir a morte. Trata-se de um livro sobre o luto, mas principalmente sobre o amor, sobre os laços que uniam pai e filho, ficando assim o desencadeamento de lembranças e sentimentos que vão se manifestando por toda a narrativa, como uma forma de manter viva a imagem do pai.

A memória, desta forma, é um importante instrumento deste livro, uma vez que é por meio dela que o narrador busca transgredir a morte e superar o sentimento de perda, não deixando que seu pai caia no esquecimento. Por este motivo, buscar entender a importância do esquecimento e de que forma ele se alia à memória, será muito relevante para o nosso trabalho.

Aqui, também buscaremos entender o modo como a morte é tratada pelos indivíduos, ao longo do tempo. Sob tal perspectiva, iremos nos valer, principalmente, dos estudos de José Carlos Rodrigues (1983), Philippe Airès (1977), Sigmund Freud (1980), Nobre (2011), Gaston Bachelard (1993), Lucia Castello Branco (1994), Joel Candau (2012) e Jacques Lacan (2016), dentre outros autores que abordam importantes considerações sobre a memória, o ato da escrita, a morte e o processo do luto.

Palavras-chave: memória, amor, escrita, luto, morte.

1. Introdução

Quando José Luís Peixoto escreveu o livro *"Morreste-me"* (2000), certamente o fez para expressar, na escrita, a dor tão profunda pela perda de seu pai. Sob tal percepção, este livro levanta questões como a morte, a dor e o luto, mas fala também, principalmente, sobre o amor entre pai e filho, e as principais lembranças que se cultivaram através dessa doce convivência familiar.

Dito isto, podemos afirmar que, embora seja um romance de curta narrativa, os sentidos e as emoções que este livro manifesta em nós, leitores, é muito forte e intenso, de tal maneira que, nesta obra, José Luís Peixoto torna-se capaz de transmutar toda a dor pela perda do pai em "declaração do desejo" (CARVALHO, p.1, 2017), isto é, pelo desejo de eternizar o pai através da memória e da escrita, diante da dor e do "desespero da certeza que se tem da orfandade que será eterna". (CARVALHO, p.1, 2017).

Por conseguinte, ao pensarmos na questão da dor pelo sentimento de perda que permeia todo o livro do escritor português, é importante pensarmos no sentido da morte e no que ela significa para o ser humano. Como afirma José Carlos Rodrigues (1983), o homem procura negar a morte como algo que faz parte da vida. A morte se coloca como o obstáculo do homem, como o único caminho pelo qual o ser humano não consegue impedir. Assim, teme-se a morte e refugia-se no desejo pela vida, pela eternidade - esta é a ideia subjacente.

A esse respeito, Carvalho (2017) também utiliza os pressupostos de Freud (1980), em relação às forças opostas que unem a vida e a morte:

" Há no conceito de pulsão de morte e de pulsão de vida elaborados por Sigmund Freud que acabam causando confusão de entendimento, pois existe nessas duas forças que agem em nosso cotidiano uma "luta" interior natural no ser humano, porque a pulsão de vida é tudo que traz energia, àquilo que é inovador e fantasioso, a vontade de viver, de prosseguir, avançar, ou seja, o prazer; a pulsão de morte é tudo que traz o estático, o cômodo, o estagnado e sem dor, o parado. Há que se examinar muitos estudos sobre os quais discorram uma análise do conceito de morte e do luto. Trata-se de uma zona obscura, pois a morte só é entendida e classificada como negativa." (CARVALHO, 2017)

Viver nos remete ao triunfo, à esperança, à abundância e à plenitude, enquanto que a morte é considerada como o trágico, o mórbido, sendo, por isso, enxergada como algo negativo pela

sociedade. Dessa maneira, enquanto somos dotados de vida, negamos a morte, condição essencial da natureza humana.

Sentir a presença da morte, seria, então, se conformar com a perda e com a sensação de ausência daqueles que amamos. Tal circunstância implica um sentimento de negação, de rejeição, e conseqüentemente, a necessidade do processo do luto, diante do qual uma forma de atenuar essa dor poderia ser reconstruir os momentos vividos com o ente amado, através de lembranças que vão penetrando pela memória.

E o que é a memória? De que maneira podemos buscar na memória uma forma de transgredir a morte? Antes que possamos nos concentrar sobre essas questões, é válido dizermos que o processo da rememoração, no romance "*Morreste-me*", está representado no intuito de:

" (...) fazer com que o leitor jamais esqueça a importância de não esquecer, ou melhor, de deixar eternizado um acontecimento que não atinge a uns, mas senão todo o efeito da dor da ausência, da certeza de que o tempo não voltará, mas que jamais, passará. Jamais desaparecerá da lembrança e do convívio. Porque o amor mais forte se perpetuará pelas lembranças dos momentos vividos. Medir a importância de um acontecimento é bastante individual, e neste romance, pode-se dizer que o tamanho da dor é proporcional ao tempo, ao convívio feliz, a admiração e respeito que o autor nutre pelo pai." (CARVALHO, 2017, p.1)

Com base nos dizeres de Carvalho (2017), podemos dizer que, embora o passado não volte jamais, o amor prevalece, preservando o tempo vivido através da memória. Sobre a memória, José Saramago (2008) escreve:

" Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória esta que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidivo como o próprio tempo." (SARAMAGO, J., 2008)

Refletindo sobre as palavras do escritor, podemos dizer que a memória se constrói nas experiências que vivemos, nos acontecimentos que marcaram nossas vidas, contemplados em algum momento e em algum lugar. Assim, ao pensarmos sobre o modo como a memória é posta no livro *Morreste-me*, é compreensível dizermos que a memória não está simplesmente

no ato de recordar, mas, sobretudo, de considerar que nos lembramos daquilo que é essencial em nossas vidas.

Em se tratando de memória, é relevante também pensarmos na sua relação com a escrita. Transpor para o papel o que estava apenas no interior, é também uma forma de fazer prevalecer o passado. Como afirma o autor José Luís Peixoto, em uma entrevista com Zupo (2015), “escrever é retirar ideias que existem de uma forma abstrata, uma forma sem forma, e colocá-las, concretizá-las no papel para que elas sobrevivam ao tempo”.

Assim, ao escrever o livro *Morreste-me*, Peixoto nos faz refletir que a escrita é uma forma de contribuir para uma maior reflexão sobre a vida, além de funcionar como um ato reparador diante da morte. Em suas palavras, “(...) por mais tempo que passe, nunca me consigo alhear daquilo que aquelas palavras transportam.” (PEIXOTO, 2015).

Em seu estudo sobre o processo do luto no livro *Morreste-me*, Silva (2017) amplifica nossa análise, considerando que o processo de transpor os sentimentos na escrita integra aspectos cognitivos e emocionais do sujeito, capazes de aumentar a autorreflexão e equilibrar as suas memórias. A este respeito, a autora afirma:

" Os conteúdos associados a uma experiência negativa tendem a ficar entorpecidos, à medida que são colocadas no papel e passam a não ter o mesmo peso de outrora. A angústia por eles (conteúdos) provocada tende igualmente a diminuir, o que ajuda a implementar um melhor funcionamento mental do dia-a-dia." (SILVA, p.59, 2017)

Analisando as observações de Silva (2017), podemos dizer que a escrita se manifesta, em *Morreste-me*, como uma forma de reparar a dor, como "uma necessidade de partir do caos e dar forma ao que não tem forma, ou seja, o sofrimento pelo objeto perdido para a morte." (CARVALHO, 1994):

"É ao recriar e nomear o sofrimento sentido por ter perdido o pai, que o autor da obra elabora esses mesmos sentimentos, uma vez que se encontra a repetir, transformar e, simultaneamente, inventar um novo mundo onde “torna possível a impossibilidade de ser.” (SILVA, 2017, apud, CARVALHO, 1994).

Como veremos no estudo deste trabalho, a representação da memória no livro *Morreste-me*, consolidada pelo ato da escrita, se ergue como um desejo de vencer a morte, uma vez que o

sujeito do livro escreve com suas memórias, com a necessidade de atenuar a dor pela perda do pai.

Assim, diante da morte de um ente amado, resgatamos aqui a citação de Jacques Lacan (2016), a qual afirma que quando o objeto desejado se torna um objeto perdido e irreparável, "(...) o sujeito mergulha na vertigem da dor, defrontando-se com a causa desta dor." (LACAN, p. 360, 2016).

O narrador de *Morreste-me*, ciente de não poder trazer seu pai de volta, busca no ato da escrita uma forma de transgredir a morte. Como afirma José Luís Peixoto (2015), para escrever é preciso ter alguma coisa para dizer, e “aquilo que é matéria da escrita é justamente a memória”, reforçando a necessidade da escrita para o processo de elaboração das memórias nesta narrativa, diante do luto e do vazio permanente.

2. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como qualitativo quanto à abordagem, pois se dedica à análise e interpretação dos estudos de autores que foram muito importantes para a nossa pesquisa. No que concerne à finalidade, este trabalho se classifica como bibliográfico, cujos fundamentos teóricos são aprimorados a posteriori.

Em relação aos aspectos referenciais-teóricos, ressalta-se importantes autores cujas bases teóricas foram fundamentais para o nosso trabalho. Dentre eles, destacam-se Santo Agostinho, com seu livro *"Confissões"* (2000), assim como Ecléa Bosi, em seu livro *"Memória e sociedade: lembranças de velhos"* (1994). Para esses autores, a memória é uma reconstrução do passado, advinda através de imagens e sensações do tempo vivido.

Também serão importantes as abordagens de Cláudia Cerqueira do Rosário (2002) e de Lucia Castello Branco (1994), que tomam como referência os estudos da mitologia grega sobre a concepção de memória. Aqui, juntamente com as contribuições de Joel Candau, em seu livro *"Memória e identidade"* (2012), vamos estudar a relação entre a lembrança e o esquecimento. Segundo Candau (2012), o sujeito que rememora busca selecionar suas lembranças de modo bastante particular, conforme aquilo que lhe parece mais agradável e significativo em sua vida, deixando no apagamento tudo aquilo que lhe traz angústia e sofrimento.

Tal entendimento do processo da memória é de fundamental importância para o estudo do livro de José Luís Peixoto, levando-se em conta o confronto do narrador com a morte. A

memória, para o sujeito de *Morreste-me*, alcança um sentido maior, que se consolida pelo ato da escrita: uma necessidade de alívio da dor diante do sentimento de perda.

Por conseguinte, será imprescindível, neste trabalho, falarmos sobre a importância da escrita para o processo de elaboração das memórias. Levaremos em conta, sobretudo, os estudos de Hanna Segal, com base no seu livro *"Sonho, fantasia e arte"* (1993), e de Nobre (2011), a respeito da importância da escrita para o processo do luto no romance de José Luís Peixoto.

Para esses autores, a escrita possui o dom de traduzir os sentimentos e as experiências humanas que ficaram na memória. Assim, vamos procurar analisar, neste trabalho, que o ato da escrita, juntamente com a essência da memória, possuem um poder reparador para as emoções internas do protagonista, diante da dificuldade em lidar com a morte.

Além disso, neste estudo, com base nas explicações de Nádía Seremetakis (1996), faremos uma análise sobre a relação entre memória e nostalgia. Para a antropóloga grega, a nostalgia se remete ao sentimento de saudade, e se manifesta pela dor, pelo desejo de escapar da realidade em que o sujeito se encontra, para regressar a um lugar ou a um passado vivido. E no caso do sujeito de *Morreste-me*, a casa onde ele viveu a infância com seu pai.

Por este motivo, serão fundamentais também as discussões de Gaston Bachelard, em *"A poética do espaço"* (1993), acerca da relação entre a memória e o espaço que marcou o nosso passado. O filósofo considera a casa como um santuário, um lugar de proteção, um espaço que traz estabilidade emocional para os que a habitam. Por esse motivo, a casa é um espaço que guarda a maior parte de nossas recordações, já que ela é o nosso primeiro universo. Isso tem total compreensão quando pensamos nas lembranças do narrador em relação à casa onde ele passou sua infância.

Além disso, também irão compor o nosso corpus textos de importantes autores que se dedicaram sobre a questão da morte. Dentre eles, teremos as contribuições de José Carlos Rodrigues, em seu livro *"O tabu da morte"* (1983), que considera a morte como uma forma para se compreender a própria vida. Além disso, encontramos respaldo teórico nas teorias de Sigmund Freud, no texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1980), que examina o luto e, especificamente, sua relação com a dor e a negação da morte do outro.

Também recorreremos aos estudos de Philippe Ariès, em seu livro, *"História da morte no ocidente"* (1977). A partir das observações do historiador francês, vamos compreender o comportamento humano diante da morte ao longo dos séculos, abrangendo o período que vem desde os antigos tempos - quando a morte era compreendida e aceita - até o desenlace de nossos dias, onde a percepção social só enxerga a morte como o trágico, a negação absoluta, tal como observamos no livro *Morreste-me*.

À vista disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da memória e os sentidos que ela expressa no livro "*Morreste-me*" (2000), de José Luís Peixoto. Para tanto, procuramos investigar de que forma o processo da memória atua nas emoções do narrador e se manifesta como uma forma de transgredir a morte neste livro.

Transitando por questões que consideramos fundamentais, nosso trabalho foi dividido em quatro etapas. No primeiro capítulo, à luz das abordagens de José Carlos Rodrigues (1983), faremos, inicialmente, um estudo acerca da morte e sua relação com o sentido da existência humana. Em seguida, fundamentando-se nas contribuições de Philippe Airès (1977), vamos analisar o comportamento dos indivíduos diante da morte, procurando entender como a morte é vista pelo sujeito de *Morreste-me*. E por fim, baseando-se nas observações de Jacques Lacan (2016) e de Sigmund Freud (1980), faremos uma análise sobre o processo do luto e a negação da morte do outro.

No segundo capítulo, com as contribuições de Marilza Izidro Carvalho (2002), Hanna Segal (1993) e Nobre (2011), nos concentramos em analisar a importância da escrita como forma de traduzir os sentimentos e as experiências humanas que ficaram na memória, funcionando como um ato catártico e reparador da morte.

No terceiro capítulo, à luz dos estudos de Lucia Castello Branco (1994), Cláudia Cerqueira do Rosario (2002) e Sampaio e Dantas (2020), fizemos alguns breves apontamentos acerca do conceito de memória, tendo como base o estudo da visão grega da memória. Na sequência, faremos um estudo sobre a relação entre a lembrança e o esquecimento, levando-se em conta que a memória, segundo os estudos mitológicos, não admite a conservação integral do tempo vivido, seguindo uma linha tênue entre o lembrar e o esquecer.

No quarto capítulo, com base nos estudos de Santo Agostinho (2000) e Ecléa Bosi (1994), procuramos investigar a forma como a memória é posta no livro "*Morreste-me*", analisando os sentidos que a memória expressa nesta obra.

Posteriormente, com base nos estudos de Nádía Seremetakis (1996), faremos uma análise da relação entre memória e nostalgia. O conceito sobre a nostalgia é importante para este trabalho, uma vez que o narrador de *Morreste-me* expressa, ao longo dos relatos, um sentimento de saudade em relação ao pai, saudade que se manifesta pela dor da ausência, diante do momento de caos em que se encontra no presente.

Em seguida, partimos para a análise dos estudos de Gaston Bachelard (1993), no que concerne a relação entre a memória e o espaço. Aqui, analisaremos a casa onde o narrador viveu na infância como um espaço de alívio e proteção, haja vista que foi nesse espaço onde ele viveu com seu pai. E, por fim, fundamentando-se nas abordagens de Joel Candau, em

Memória e identidade (2012), vamos analisar a importância do esquecimento para o alívio da dor pela perda em *Morreste-me*.

2. Objetivos:

2.1 Objetivo Geral: Investigar os sentidos que a memória representa no livro "*Morreste-me*", de José Luís Peixoto, de maneira a compreender de que forma o processo da rememoração, ao ser transposto na escrita, atua como uma função reparadora da dor, nesta obra.

2.2 Objetivos Específicos:

- Estudar o comportamento humano diante da morte;
- Entender a relação entre escrita e memória;
- Estudar o conceito de memória;
- Entender a relação entre lembrança e esquecimento ;
- Estudar a importância do esquecimento na narrativa de *Morreste-me* ;
- Entender o conceito de nostalgia ;
- Estudar a relação entre a memória e a casa de infância.

3. O sentido da morte e sua representação na leitura de *Morreste-me*

Destino final de todo ser vivente, a morte sempre atravessa o nosso caminho, seja da morte de si mesmo, seja da do outro. Nesse sentido, como afirma José Carlos Rodrigues (1983), ter consciência disso é ter consciência do sentido da nossa própria existência. É compreender que o tempo é passageiro, e que cada momento da vida é valioso, principalmente quando vivenciado com os seres amados. Como afirma Rodrigues (1983):

"O único animal que tem consciência de que morrerá é o humano (...) Para ele, viver e morrer não são apenas realidades biológicas, pois adquirem conteúdos específicos relativos a cada cultura e a cada momento histórico.(...) De certo modo, a morte existe para dar sentido à vida..."

(RODRIGUES, p. 186, 1983)

Mas, por que razão, a morte é, de todas as experiências humanas, a mais difícil de ser aceita e compreendida? Na perspectiva de Philippe Ariès (1977), o homem, desde os últimos séculos, passou a enxergar a morte como a negação, como o trágico, o fim. Segundo o estudo feito por Ariès (1977), a morte do eu, isto é, o próprio adeus à vida terrena, foi por muito tempo, o foco do homem ocidental quando se pensava sobre a morte.

No entanto, diferentemente de quando se trata da própria morte, a morte do outro, acentuada após as I e II Guerras Mundiais, no século XX, juntamente com a massificação da violência, passa a ser vista como desgraça, como algo que atinge não somente quem vai, mas também quem fica. Consequência disso é que a morte, desde os últimos tempos, passa a ser marcada pelo pudor e pelo silêncio, e para aquele que fica, é dado o lugar ao sofrimento e à relutância pela ausência da pessoa querida.

Sendo assim, pensar nessa relação com a morte do outro é pensar sobre o luto, como é perceptível no livro *Morreste-me*. Sigmund Freud, psiquiatra austríaco, afirma em seu livro “*Reflexões para os tempos de guerra e morte*” (1980), que este estado emocional e psíquico do ser humano acontece por ser a morte de alguém próximo e querido, desencadeando uma das maiores perdas e crises emocionais na vida adulta.

Em uma passagem de *Morreste-me*, percebemos necessariamente uma negação da morte, quando o protagonista expressa todo o seu lamento e frustração por não ter conseguido salvar a vida de seu pai:

" Dizias vou ao tratamento, apressavas-me, apressavas a minha mãe, como se alguma coisa te pudesse curar, como se alguma coisa te pudesse devolver os dias. No hospital, a sala de espera estagnada de tempo inútil e a minha mãe sentada, só, longe da nossa casa e dos nossos sítios, como uma menina tímida, envergonhada." (PEIXOTO, 2009, p.17).

A passagem acima vai ao encontro com o que constatou Ariès a respeito da visão contemporânea sobre a morte. O indivíduo enxerga a morte do outro como a contrapartida da vida, uma vez que viver, para nós, compreende uma multiplicidade de significados e sentidos que abarcam a existência humana, cujo obstáculo só pode ser, inevitavelmente, morrer. No entanto, como bem apontou o historiador francês, a percepção sobre a morte não foi a mesma ao longo dos tempos:

"O homem submetia-se na morte a uma das grandes leis da espécie e não pensava nem em se esquivar diante dela nem em exaltá-la. Aceitava-a simplesmente como justa, o que carecia de solenidade para marcar a importância das grandes fases por que todas as vidas devem passar." (ARIÈS, 1977, p.31, grifos meus).

A morte é um acontecimento natural, assim como a sexualidade e o nascimento. Em seu encontro, todos os homens são iguais, "nivelando-se no mesmo destino." (MARANHÃO, 1998, p. 21). Entretanto, embora tenhamos ciência da finitude da vida, dificilmente lidamos bem com a morte. Quando alguém está prestes a morrer, a atitude daqueles que o rodeiam é sempre de negação. É o que se corrobora com a reflexão de Ivanete Carvalho (2017), a respeito do romance *Morreste-me*:

"Não há como equacionar a emoção e o desespero da certeza que se tem da orfandade que será eterna. O ser humano procura de certa forma, abdicar de algo que é real, ignorar a morte como parte da vida. Busca-se a eternidade inconscientemente e acredita-se nela." (CARVALHO, 2017, p.1)

Dessa maneira, o narrador de *Morreste-me*, diante da morte do pai, traz um exemplo inestimável que corrobora com essa reflexão, quando ele escreve:

"Como eu, esperavam; não a morte, que nós, seres incautos, fechamos-lhe sempre os olhos na esperança pálida de que, se não a vírmos, ela não nos verá." (PEIXOTO, p.20, 2000)

A partir deste trecho, o narrador fica entregue à dor pela perda do pai. Sua lamentação, condizente com o relato expresso acima, não poderia ser outro senão descrever o objeto de sua perda com grande inconformidade:

"E menti-te. Disse aquilo em que não acreditava. Ao olhar amarelo, ofegante, disse que tudo seriam e seríamos de novo. E menti-te. Disse vamos voltar para casa, pai; vamos que eu guio a carrinha, pai; só enquanto não puder, pai; vá, agora está fraco mas depois, pai, depois, pai. Menti-te. E tu, sincero, a dizeres apenas um olhar suplicante, um olhar para eu nunca mais esquecer. Pai. À hora, mandaram-nos sair." (PEIXOTO, 2000, p. 18).

Nessa cena tem-se, com toda a precisão, o desenrolar da afirmação de Lacan (2016) de que o sofrimento, "aquilo que angustia o homem, na relação com a morte, é o encontro com a morte

de um outro, 'de uma pessoa amada'." (LACAN, p. 358, 2016). O narrador descreve sua agonia em ter que lidar com a morte. Diante da perda de seu pai, não lhe restava outra forma de suportar a morte, a não ser conviver com sua dor.

Ao discutirmos sobre a questão da negação da morte, reiteramos as considerações de Freud (1980, p.329), a esse respeito. Para ele, quando alguém morre, as pessoas passam a adotar uma admiração por esse alguém, atribuindo a este as características e as lembranças mais grandiosas. Em se tratando de um ente querido, isso é acentuado, acompanhado de uma forte crise emocional, como afirma Freud (1980):

"... Nossas esperanças, nossos desejos e nossos prazeres jazem no túmulo com essa pessoa, nada nos consola, nada preenche o vazio deixado pelo ente perdido. (...) Mas essa nossa atitude para com a morte exerce poderoso efeito sobre nossas vidas. A vida empobrece, perde-se o interesse. Ficamos paralisados pelo pensamento de quem irá substituir o filho junto à mãe, o marido junto à esposa (...). Assim, a tendência de excluir a morte de nossos projetos de vida traz em seu rastro muitas outras renúncias e exclusões." (FREUD, Reflexões, 1980, p. 329).

As reflexões de Freud (1980) condizem com os sentimentos expressos pelo sujeito de *Morreste-me*, ao se deparar com a morte do pai. Na passagem abaixo, o narrador chama carinhosamente o pai de "inocente", ao guardar na memória a relação afetuosa entre avô e neta:

" Pai que te esforçavas a sair da cama, e aguentavas dores para estares minutos connosco, e nesse início de noite pegaste na tua neta. E estávamos, falávamos quase esquecidos da tua doença quando, com a pouca agilidade, te levantaste e, entregando a menina à minha irmã, disseste a velhaca fez-me chichi no colo. Pai, inocente. A esticares a menina à minha irmã e nós a vermos o sangue a alastrar-se nas calças e no casaco do pijama." (PEIXOTO, 2009, p.36).

Por toda a leitura que envolve o livro *Morreste-me*, é evidente a gratidão que o narrador tem por seu pai, como também afirma Carvalho (2017):

"Atitude natural e corriqueira num relacionamento afetivo, entretanto, é de maneira quase infantil que o faz quando diz “paizinho”; não se trata aqui de minimizar o pai, mas de se pôr em

seu lugar. O querer inverso de proteção, de dar o colo em vez de ombro de homem feito." (CARVALHO, p. 9, 2017)

Essa percepção nos comprova mais uma vez o modo como o narrador age diante da morte. Se não se pode negá-la, o que lhe resta é se conformar com ela, fazendo prevalecer pela memória apenas as imagens felizes do pai. Nesse sentido, aceitar a morte continua a ser, afinal de contas, o maior desafio para todos aqueles que ficam. Nas palavras de Freud (1980, p.339), "a ilusão perderá todo o seu valor, se tomar isso mais difícil para nós."

4. A escrita como matéria da memória em *Morreste-me*

" Se a escrita tem algum propósito, serve para testemunhar àquele que se submeteu a ela, saber de sua verdade: daquilo que lhe fez questão e serviu como causa para procurar decifrar de sua história, de suas memórias, as marcas cifradas em letras, neste lugar. Lugar este que, além de ser suposto, é uma aposta em um saber insabido." (CARVALHO, p. 35, 2017, grifos meus)

Desde os primórdios da humanidade, a escrita se manifesta como o registro das experiências humanas. O homem, desde sempre, busca expressar seus pensamentos e sentimentos através da escrita. Acreditamos que a literatura surge desta tentativa de possibilitar, através da escrita, que o sujeito possa transmitir coisas que, em palavras, ele não conseguiria expressar. Nesta dimensão, nosso intuito, neste trabalho, não é fazer um estudo aprofundado sobre a escrita, mas procurar entender de que forma o ato da escrita pode funcionar como um ato reparador da morte, enquanto espaço privilegiado da memória, na medida em que faz surtir efeitos e sentidos para aquele que escreve.

Hanna Segal , a esse respeito, em seu texto *Sonho, fantasia e arte* (1993), considera que o escritor procura, na literatura, um mundo próprio, um mundo que é precisamente criado por si, com toda a sensibilidade que lhe é permitida. Assim, no caso do escritor de "*Morreste-me*", um mundo onde o objeto perdido (ou seja, o seu pai), persistirá, eternizado no papel e na memória. Por conseguinte, a escrita nasce assim como a reparação dessa dor, uma vez que José Luís Peixoto escreve com:

"a necessidade de partir do caos e dar forma ao que não tem forma, o sofrimento pelo objeto perdido para a morte. É ao recriar e nomear o sofrimento sentido por ter perdido o pai, que o autor da obra elabora esses mesmos sentimentos, uma vez que se encontra a repetir, transformar e, simultaneamente, inventar um novo mundo onde "torna possível a impossibilidade de ser." (CARVALHO, p. 56, 1994).

Nesse sentido, é possível inferir que a escrita possui o dom de traduzir os sentimentos e as experiências humanas que ficaram na memória - experiências que não dizem respeito à própria morte, mas à morte do outro. Nessa perspectiva, Marilza Izidro Carvalho (2002) afirma que:

"Assim, na hora da criação, a inspiração do autor lhe vem à revelia de sua razão, ultrapassa as barreiras do recalçamento, da censura e funda, personificando em escrita, a marca da memória permanente." (CARVALHO, p.10, 2002)

Relativamente ao processo que une a escrita como forma de reparação da dor, Nobre (2011) explica que a escrita de memórias se prende com a possibilidade de o narrador de *Morreste-me* encerrar em si um caos interno e, conseqüentemente, se conformar com a perda de seu pai. É o que refletimos a partir de uma passagem do livro, expressa a seguir:

"Orienta-te, rapaz. Eu oriento-me, pai. Não se preocupe. Eu também sei, eu também consigo. Eu oriento-me, pai. Não se rale. O trabalho não me mete medo. Sou capaz e vou trabalhar e vou trazer de novo aqui o mundo que foi nosso. Esteja descansado, pai. Flores novas e folhas novas nos ramos das árvores, canteiros pintados de malvas, trevos, ervas verdes, verdes desta primavera triste triste." (PEIXOTO, p. 2, 2000)

É evidente a força da escrita como instrumento que se une à memória em *Morreste-me*, procurando restabelecer, diante da irretratável perda, a "harmonia interior após o sofrimento." (SEGAL, 1993).

Silva (2017) acrescenta que, perante a morte, há a possibilidade de um renascimento através da arte e da literatura – "um mecanismo de imortalização daqueles que já não voltam mais", uma vez que, "através da escrita, existe a possibilidade de preservar a memória, adquirindo

também a possibilidade de ultrapassar a morte, deixando na vida a marca daquilo que já existiu." (SILVA, p. 52, 2017).

A escrita nos particulariza, uma vez que é por meio dela que encontramos uma forma de manifestar nossas memórias e as emoções que nela se expressam. Desta constatação, parece-nos plausível refletir que, em *Morreste-me*, a escrita deixa marcas subjetivas que impulsionam José Luís Peixoto a não deixar que a memória de seu pai caia no esquecimento, procurando, dessa maneira, uma forma de transgredir a morte. Concluímos estas reflexões com os dizeres de Gagnebin (2006) :

“ (...) às vezes, quando alguém escreve um livro, ainda nutre a esperança de que deixa assim uma marca imortal, que inscreve um rastro duradouro no turbilhão das gerações sucessivas, como se seu texto fosse um derradeiro abrigo contra o esquecimento e o silêncio, contra a indiferença da morte.” (GAGNEBIN, p.71, 2006)

5. Entre a lembrança e o esquecimento: algumas importantes considerações sobre a memória

Em seu texto “*O lugar mítico da memória*”, Cláudia Cerqueira do Rosário (2002) realiza um estudo histórico acerca de uma “teoria da memória”, tomando como base o estudo da mitologia grega para a construção do que se conceituou, até a modernidade, como memória. Nesse sentido, encontramos no antigo livro de Hesíodo, *Teogonia*, (1992, p. 31-32), a explicação da origem desse conceito, na tradição grega:

" [...] no princípio surgiu Gaia (a Terra) de amplos seios, que antes de tudo gera para si própria um consorte, Urano (o Céu). Juntos produzem numerosa descendência. Entre outros seres fantásticos, a hierogamia primordial grega gera os Titãs, e entre eles Mnemósine. A palavra grega *Mnemosyne* vem do verbo *mimnéskein*, que significa ‘lembrar-se de’. Assim, Mnemosyne configura-se no universo mitológico grego como a própria personificação da memória." (ROSÁRIO, 2002).

Em seu estudo sobre a mitologia da memória, Lúcia Castello Branco (1994) explica que as musas cantavam os fatos revelados pela memória, utilizando o seu canto para alegrar o

espírito de Zeus, estabelecendo, assim, a oposição entre o mundo dos deuses e o mundo dos mortais.

Esse feito tornavam as musas passíveis de possuírem o dom da sabedoria. Dessa forma, as musas foram dispostas tanto a lembrar como a esquecer. Assim, ao serem providas de forças complementares, Hesíodo concedeu-lhes a capacidade de decidir sobre os fatos a serem lembrados ou esquecidos. Nesse sentido, a autora afirma:

" (...) Segundo Hesíodo, na Teogonia, a função da memória não consiste apenas em tornar presente o passado, mas também em "deixar cair no Oblívio e assim ser encoberto pelo noturno, ou seja, tudo o que não reclama a luz da presença". Tais ideias aliam memória e esquecimento, o lembrar e o esquecer. (...) De acordo com a mitologia, é na trajetória de descida ao Hades, precedida por um ritual de purificação necessário ao ingresso dos seres na "boca do inferno", que se verá com nitidez a estreita articulação entre *Letkt* (esquecimento) e *Mnemosyne* (memória) como forças antagônicas complementares." (CASTELLO BRANCO, p.33, 1994, grifos meus)

Assim, tanto a memória como o esquecimento parecem permear o imaginário humano. Segundo Pereira (2008, p.13), os antigos já acreditavam que, na Beócia, o rio do Esquecimento convivia lado a lado com a fonte da Memória. Nesse sentido, uma das maneiras de o homem mostrar interesse por esse assunto parece ser justamente através da literatura, a qual se constitui "como um mecanismo frequentemente utilizado para mostrar o quão tênues são os limites entre lembrar e esquecer." (PEREIRA, p.13, 2008).

Como afirma a escritora, a busca por uma memória inteiriça – capaz de recuperar tudo aquilo que foi vivido integralmente e trazê-lo, de forma pura e intacta, para o presente – muitas vezes encontra uma série de obstáculos, pois o passado não se conserva inteiro, "como um tesouro, nos receptáculos da memória" (CASTELLO BRANCO, p.32, 1994), mas se constrói a partir de faltas, de lacunas das experiências vividas, cabendo ao sujeito organizar suas memórias, selecionando suas lembranças de modo bastante particular, "conforme aquilo que lhe parece mais relevante ou deixa marcas mais profundas."(PEREIRA, p.13, 2008).

Isto posto, vemos que em *Morreste-me*, diante do momento doloroso, o narrador parece escolher suas lembranças, buscando recordar as experiências mais agradáveis vividas com o pai, como se observa no trecho abaixo:

" Pai, as ruas que fazia para chegar à escola, com a mala às costas, a mala amarela que me deste. As ruas que corria de bicicleta, e chegavam-te notícias de que andava depressa de mais, a bicicleta azul que um dia, nos meus anos, trouxeste na camioneta. A bicicleta e uma bola. Não me esqueço, pai. Passei depressa pelas ruas que sei e hei-de sempre saber de cor. Gravadas cá dentro da memória sincera." (PEIXOTO, p. 20, 2000)

Como podemos verificar, é evidente que nos lembramos daquilo que significa algo para nós, que realmente importa e possui valor em nossas vidas. Por conseguinte, o papel da memória não é apenas o de simples reconhecimento da experiência vivida, mas também "de um efetivo reviver que leva em si todo ou parte desse passado; é o de fazer aparecer novamente as coisas depois que desaparecem." (SAMPAIO & DANTAS, p. 9, 2020).

Nas palavras de Rosário (2002), é graças ao ato da memória que, de algum modo, "escapamos da morte que aqui, mais do que uma realidade física, deve ser entendida como uma realidade simbólica que cria o antagonismo com relação ao tema 'esquecimento'." (ROSÁRIO, 2002, p.27, grifos meus). Aqui, o esquecimento se encontra no sentido de atentar para que o indivíduo não apague de sua memória as pessoas importantes de sua vida, e que, no presente, não é possível tê-las por perto.

Tais percepções nos levam novamente a refletir sobre a negação da morte, e a necessidade de se criar estratégias para aliviar o caos em que o sujeito se encontra. Assim, afirma Gondar e Dodebei (2005) :

"(...) as forças da lembrança disputam constantemente com as forças que impelem ao esquecimento, cada uma delas buscando realizar sua potência, agindo ou reagindo em função de valores e interesses." (GONDAR; DODEBEI, 2005).

Isto posto, podemos compreender que a memória é representada, na obra de José Luís Peixoto, como uma forma de reparação da dor, de maneira a preencher a ausência, de não deixar que o passado vivido com o ente amado seja apagado de seu presente. Concluimos este capítulo com um trecho do livro que diz muito sobre o que discutimos sobre a memória:

“ Parto para o que sobra de ti, e tudo são resquícios do que foste.” (PEIXOTO, p.32, 2000)

6. A essência da memória em *Morreste-me*

Como vimos no capítulo anterior, a memória confere imortalidade ao passado, isto é, às pessoas que não se encontram mais presentes em nossas vidas. Dessa forma, fazer emergir o tempo vivido é uma tentativa, não só de reviver antigas vivências, mas, principalmente, de não deixar que o passado seja ocultado do tempo presente.

Nesse direcionamento, é possível compreender que a construção da memória esteja intimamente relacionada com o que estamos sentindo no presente, sendo, portanto, uma possibilidade de reinterpretação do passado. No texto *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994), Ecléa Bosi diz:

"Lembrar é, resumidamente, construir uma imagem por meio da imaterialidade que está à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência. Sem lembrança, não há memória nem a possibilidade de recuperá-la ou conduzir à elaboração de novos sentidos." (BOSI, 1994)

A partir da compreensão levantada por Bosi (1994), é possível afirmar que a memória atribui novos sentidos e valores ao nosso passado. No entanto, como diz Santo Agostinho (2000), não é um passado qualquer que ressurgem em nossas lembranças, mas sim, suas imagens mais significativas:

"Todavia, não são os próprios objetos que entram pelas portas da memória, mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis, sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda. () Residem em mim, não os próprios objetos, mas as suas imagens. Conheço com que sentido do corpo me foi impressa cada imagem. (...) De fato, todas estas realidades não nos penetram na memória. Só as suas imagens é que são recolhidas com espantosa rapidez e dispostas, por assim dizer, em células admiráveis, de onde são tiradas pela lembrança." (AGOSTINHO, S., 1980, p. 176)

Santo Agostinho menciona certas lembranças que trazem em si as experiências mais sensíveis do nosso passado. Não obstante, como se formam tais imagens na memória, depois de trazidas ao nosso interior pelos sentimentos vividos? Porque é surpreendente como podemos representar na memória tudo aquilo que estamos sentindo no tempo presente? E, tomando as palavras de Guimarães (1997, p.17), questionamos: "o que retorna, e como retorna, nas imagens da memória?"

Poderíamos dizer que há algo que impulsiona as lembranças guardadas em nosso consciente, que ressurgem devido a algum acontecimento externo. Isso transparece no discurso

memorialístico de *Morreste-me*, como no momento em que, diante do leito de morte do pai, o narrador recria as imagens de um momento feliz em família:

"Ainda sentado no teu lugar, e eu, a minha mãe, a minha irmã, sentados também, a rodearmos-te. Iguais ao que éramos. Ali estávamos há muito tempo, esquecidos e abandonados desde um dia em que o passar das coisas parou na nossa felicidade simples singela. Como uma alegria, como se tivéssemos jantado ou esperássemos jantar ou o melhor banquete, estávamos. Felizes."

(PEIXOTO, p.17, 2000)

Em virtude da memória, nos afastamos da dor e do sentimento de perda, permitindo que se manifestem em nossa memória a imagem viva e feliz dos entes amados, em oposição ao apagamento, ao esquecimento daqueles que partiram. Isso porque, nas palavras de Platão (1972), o esquecimento se remete à finitude, à mortalidade, e o ser humano, por ser finito, busca sempre a eternidade, ou seja, algo contrário à ideia de morte.

Por conseguinte, é importante pensarmos em outro assunto que, de certa forma, encontra-se ligado à memória e ao não-esquecimento: a nostalgia. Nádia Seremetakis (1996) nos apresenta o sentido e a origem etimológica da palavra nostalgia, em contraposição ao significado que foi adotado na contemporaneidade. Segundo a autora, sentir-se nostálgico, é, sobretudo, sentir pesar por um passado irrecuperável.

Nesse sentido, ela explica que tal palavra deriva do verbo grego *nostalghia*, formada pela junção dos termos “*nostó*” e “*alghós*”. Enquanto o primeiro vocábulo significa “eu retorno”, “eu viajo”, o segundo significa “eu sinto dor”.

Podemos cogitar, dessa maneira, que a nostalgia remete à necessidade de voltar ao tempo, diante de uma dor não necessariamente física, mas, sobretudo, sentida em nosso interior. Como afirma a antropóloga:

“A nostalgia é o sentimento de desejo ou de saudade, e se configura pela dor, pela urgente necessidade de querer viajar, regressar, fugir daquilo que estamos vivenciando no momento presente. Isto também evoca a dimensão sensorial da memória no exílio e no estranhamento; se misturando com a dor emocional. (...)” (SEREMETAKIS, p.4, 1996, grifos meus).

Em *Morreste-me*, é evidente o sentimento de nostalgia do narrador, sendo que, através da memória, ele recorda momentos singulares e significativos da sua casa de infância, onde viveu com o pai:

“ E esta tarde, e nossa terra (...). Na nossa rua, a nossa casa A porta do quintal parada à minha frente, fechada, desafiante. Dizia nunca esquecerei, e esta tarde lembrei-me. Com os teus movimentos, tirei do bolso o teu molho de chaves e, como costumavas, usei todos os cuidados para escolher a chave certa, examinando cada uma, orgulhando-me de cada uma. E, na fechadura, o triunfo. As coisas a acontecerem devidamente.(...) Abandonado sobre o tamanho grande de um inverno, o quintal de quando eu era pequeno, o quintal que construístes, pai. ” (PEIXOTO, p.20, 2000)

A memória de sua antiga casa de infância simboliza, para o narrador, um reencontro com o passado vivido, no desejo de manter viva a imagem do pai. Vale aqui ressaltarmos o que considera Bachelard (1993) a respeito do espaço que marcou nossas memórias, sobretudo a casa de infância. Para o filósofo, a casa só é considerada um espaço nostálgico a partir da presença de uma pessoa que atribui significado importante às memórias deste lugar. Em *A poética do espaço* (1993), o autor compreende a casa como um “lugar de memória”, no qual o ser que rememora reconforta-se ao reviver suas antigas lembranças em família, como uma espécie de proteção. Como afirma o poeta:

“ A casa natal está fisicamente inserida em nós [...] se voltarmos à velha casa depois de décadas de odisséia, ficaríamos muito surpresos de que os gestos mais delicados, os gestos iniciais, subitamente estejam vivos, ainda perfeitos”. Isso porque “todo o ser da casa se desdobraria fiel ao nosso ser.” (BACHELARD, 1993, p.33).

Em *Morreste-me*, a casa é um importante espaço para o processo de elaboração das memórias do narrador, de modo que o protagonista, em meio à dor e ao luto, se reconforta ao reviver as experiências vividas nesse lugar com o pai. Como diz o autor, “(...) quando o devaneio vai tão longe, admiramo-nos do nosso próprio passado, admiramo-nos de ter sido aquela criança.” (BACHELARD, p.111, 1993). E nesta honra e admiração pelo tempo vivido, o passado é visto com bons olhares, longe das ruínas do tempo.

Em se tratando de memória e nostalgia, é importante retomarmos o conceito de esquecimento, que é fundamental para a compreensão da forma como o narrador busca superar a dor e a morte de seu pai. Joel Candau, em *Memória e Identidade* (2012), nos afirma que o esquecimento faz parte da construção identitária do sujeito, sendo necessário para que este não sucumba à própria história. E o que isso quer dizer?

Isso significa que a memória se alia ao esquecimento, apagando de nossa consciência fatos que nos causam angústia e sofrimento. Dito isto, vemos que as imagens que desejamos obter do nosso passado são trabalhadas e cuidadosamente escolhidas através da memória.

Nesse sentido, o esquecimento é essencial para que o sujeito de *Morreste-me* possa eternizar, no escrito de suas memórias, a imagem viva de seu pai, e o tempo saudoso e feliz que viveu com ele. De acordo com Candau (2012):

“ (...) transmitir uma memória e restabelecer, assim, a identidade de alguém importante que fez parte da nossa vida, não consiste, portanto, em apenas transmitir um legado, e sim, em uma maneira de estar no mundo.” (CANDAUI, 2012, p. 118, grifo meu).

Pelas lacunas do tempo vivido, a memória nos possibilita a criação de novos valores, uma maneira de dar sentido ao nosso presente. Na passagem a seguir, observa-se a gratidão do narrador por tudo que o seu pai lhe ensinou, utilizando a memória como uma forma de possibilitar que a vida tenha sentido e seja seguida em frente:

“ Agora, sento-me no teu lugar de condutor. Lembro o que me ensinaste, o que aprendi. Seguíamos caminhos de areia que levavam, que traziam os homens das herdades e dos montes em carroças e tractores e, ao chegarmos ao campo da bola, paravas a carrinha, trocávamos de lugar, (...). Ensinavas-me. Entre o riso simpático miúdo dos pardais que se levantavam a voar dos campos ralos de palha e o sono pesado que os sobreiros abatiam sobre a terra, os teus ditos de professor a antecederem os meus movimentos. (...) Depois, se fazia alguma coisa mal (...) fingias que ralhavas; eu ouvia calado, orgulhoso por me achares capaz, distraído mas capaz. Ensinavas-me.” (PEIXOTO, P. 32, 2000)

Como diz Bachelard (1993, p.36), “somente permanecem em nossas lembranças fatos que nossa consciência assim deseja, uma vez que nossa razão arquiva apenas as lembranças que são significativas para nossa existência.” Nesse sentido, a memória, no livro de José Luís Peixoto, serve de base para consolidar este feito, que existe com a ausência do pai, como faz o narrador, ao dizer – “Ficou o teu sorriso no que não esqueço, ficaste todo em mim. Pai.” (PEIXOTO, p.60, 2000).

7. Considerações finais:

Para a realização deste trabalho, propusemos-nos a examinar a memória expressa na escrita de José Luís Peixoto, em seu livro *Morreste-me*. Com efeito, ao longo do presente estudo, pudemos compreender a memória representada neste romance, como uma função reparadora da dor.

Refletimos, então, sobre o fato de, a dor sentida, ter, quase sempre, como principal fator, a perda, isto é, a falta da presença, pois surge um incontrolável sentimento de vazio, causado pela ausência de um ser querido, que outrora esteve presente, mas cujos vínculos, inevitavelmente, pelo acaso do destino, se romperam, sem que a pessoa pudesse ter qualquer controle sobre tal ocorrido.

Estamos falando da morte, aquela que se manifesta desde sempre para todo ser vivente, sem distinções. Mas, ao falarmos sobre a morte, falamos também sobre a vida. Vida e morte são dois conceitos inseparáveis. Como considera José Carlos Rodrigues (1983), o que acompanha o homem desde sempre é a busca do seu sentido, então, é inevitável pensarmos também na morte, pois só através dela podemos encontrar o sentido da nossa própria vida.

Porém, enquanto há vida, o homem demonstra não aceitar a condição essencial de sua natureza, que é finita. Diferente de todas as experimentações vividas por qualquer ser humano, a morte é a única que não permite a vivência e o ser ao mesmo tempo.

O homem compreende a morte como lugar do desconhecido, fronteira intransponível em vida ou simplesmente como algo distante e inviável. Aproximar-se dela, seria, então, o confronto com a perda. Tal dimensão implica um sentimento de negação, e consequentemente, a necessidade da elaboração do luto, separação dos seres amados, impondo, assim, ao sujeito, refletir sobre a transitoriedade da vida, que passa em um instante. Como Ivanete Carvalho (2017) afirma:

“ A vida é um labirinto estreito, raso, e o instante é a passagem, o presente é uma passagem, finitude, porque num instante a vida esvai, é só isso, isso é só um instante passando e o ser humano teima por ora ignorar e por outra desafiar com o sentimento e o desejo de ser infinito. O tempo é passageiro, determinar quanto tempo tudo vai durar é inconsequente; o tempo dura apenas um segundo e em cada espaço ficam as vontades e as vontades duram todo tempo e José Luís Peixoto trata a passagem do tempo, esse tempo do conviver, sem deixar escapar nem a dificuldade em lidar com ele (o tempo), e nem a gratidão de tê-lo vivido ao lado do pai.” (CARVALHO, p.10, 2017)

O ser humano procura negar a ideia de morte, ele não a reconhece, seja a sua própria ou a de um ser querido. Consequentemente, ao não se conformar com tal perda irreparável, o homem transpõe suas emoções na literatura, buscando eternizar aqueles que não se encontram mais presente. É então que a memória se manifesta, memória esta que, segundo o estudo mitológico, é uma grande potência que transita entre o lembrar e o esquecer, e não meramente um depósito passivo das experiências pretéritas, e por isso mesmo, atua como uma grande força, uma resistência contra morte, no intuito de presentificar os seres amados.

Dito isto, é graças à memória que o homem procura eternizar aquilo que não está mais presente em sua vida, não deixando que caia no apagamento. Há uma passagem de *Morreste-me* que reflete claramente este entendimento :

“ E não quero e não posso esquecer o que outrora senti do teu olhar. Pai, fiquei no silêncio do inverno que abraçaste. Não há primavera se não imaginar erva fresca das palavras ditas por ti; não haverá verão se não imaginar o sol da palavra sol dita por ti; não haverá outono se não imaginar o fundo do esquecimento da palavra morte dita nos teus lábios. Por isso, pai, no ar, o silêncio de ti é sofrer, no tempo que passa, no ar, no tempo que não passa já. (...) Pai, ter a tua memória dentro da minha é como carregar uma vingança, é como carregar uma saca às costas com uma vingança guardada para este mundo que nos castiga, cruel, este mundo que pisa aquele outro que pudemos viver juntos, de que sempre nos orgulharemos, que amámos para nunca esquecer.” (PEIXOTO, p. 22, 2000)

Ainda que o passado seja inalcançável, ainda que os seres amados não se encontrem mais presentes fisicamente, nas palavras de Nobre (2011), “podemos olhar para esta necessidade de visitar o passado, como uma forma de dar sentido ao presente, dar continuidade ao que já não existe e, até mesmo, como uma espécie de reconciliação com este objeto perdido.”

(NOBRE, p. 56, 2011)

Assim, a memória, neste livro, surge para “reativar algumas aprendizagens que se fazem necessárias, como uma forma de consolidar o que foi transmitido pelo ente querido que não se encontra mais fisicamente, ainda que seja apenas na escrita de suas lembranças.”

(NOBRE, 2011, p.56, grifos meus).

Na perspectiva de Nobre (2011), por todos os sentidos que a morte pode desencadear, ela implica refletir como o sujeito se comporta diante da vida. Assim, segundo o crítico, a memória expressa nesta obra, juntamente com o ato da escrita, surgem com um poder catártico, isto é, como uma forma reparadora e atenuante da dor, uma vez que o narrador

escreve e rememora com a necessidade de pôr para fora a angústia pela perda do pai, buscando a conformidade, e permitindo que a vida siga em frente. É o que se observa na passagem abaixo :

“ E também o tempo será de novo, e também a vida. Sem ti e sempre contigo. A tua voz a dizer orienta-te, rapaz. Não se apoquente, pai. Eu oriento-me. Pai, não se preocupe comigo. Eu oriento-me. E vou. Anoitece a estrada no que sobra da manhã. Chove sol, luz onde está o que os meus olhos vêem. A carrinha grande que prometeste, que planeaste para nós, que ganhaste a trabalhar meses, leva-me. (...) Pai. Dorme, pequenino, que foste tanto. E espeta-se-me no peito nunca mais te poder ouvir ver tocar. Pai, onde estiveres, dorme agora. Menino. Eras um pouco muito de mim. Descansa, pai. Ficou o teu sorriso no que não esqueço, ficaste todo em mim. Pai. Nunca esquecerei.” (PEIXOTO, p. 60, 2000)

Por fim, em um livro no qual o que se prevalece é o amor, o carinho e a eterna gratidão por aquele que lhe gerou a vida e lhe trouxe bons ensinamentos, certamente, a memória possui fundamental importância nesta obra, uma vez que é por meio do ato de rememorar que o narrador passa a ter “a oportunidade de dar uma segunda vida ao pai, ainda que seja a partir da escrita, tendo em vista que poderá estar a sentir que esquecer o pai é deixá-lo desaparecer dentro de si e perdê-lo de novo.” (NOBRE, 2011, p. 57, grifos meus).

Assim, ao escrever uma obra que traz a memória como elo principal da narrativa, José Luís Peixoto vai ao encontro com o que dizia Walter Benjamin (1994), ao dizer que o importante, para o escritor que narra, “ não é o que ele viveu, mas sim, o tecido de sua rememoração.” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Referências bibliográficas:

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. In: Santo Agostinho. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1980. p. 176- 177 (Col. "Os Pensadores").

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Alain M. Mozart, Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Alain M. Mozart, Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter.. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. OBRAS ESCOLHIDAS volume 1. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Trad: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Ana Cecília. (1994). *O processo de criação na produção literária: um depoimento*. Revista Psicologia: ciência e profissão. V.14, n.1-3

CARVALHO, Ivanete Franca Galvão de. *Morte e vida e a outra vida em Morreste-me*, de José Luís Peixoto. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

CARVALHO, Marilza. *A morte na ficção literária*. UFPR, 2002.

CASTELLO BRANCO, L. *A traição de Penélope*. São Paulo: Annablume, 1994.

FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), v. 14.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Entre sonho e vigília: quem sou eu?* Posfácio. In: PROUST, Marcel. No caminho de Swann. Tradução de Mario Quintana. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido; v. 1).

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras/Estudos literários – FALE/UFMG; Editora UFMG, 1997.

LACAN, J. (2016) O Seminário, livro 6. *O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MADDALENA, Juliana. *Imaginação e memória em Bachelard um convite à reflexão sobre a infância*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é morte*. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleções Primeiros Passos).

NOBRE, C. (2011). *Morreste-me mas não morreste em mim: uma perspectiva dinâmica do luto*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica. ISPA-IU. Lisboa.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khouri. In: PROJETO História 10. São Paulo: PUC-SP, p.7-28, 1993.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Lisboa: Quetzal, 2009, 8ª edição.

PLATÃO. *Diálogos*. In: Fédon. São Paulo: Abril Cultural, 1972. v. 3.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1983.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. *O lugar mítico da memória. Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, [S. I.], v. 1, n. 1, sep. 2014. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4011>. Acesso em: 5 set. 2022.

SAMPAIO, D. ; DANTAS, E. *Memória e representações: entre lembrança e esquecimento*. Ceará, UFCA. 2020.

SARAMAGO, J. *Palavras para uma cidade*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/1253.html>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

SEGAL, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1991)

SEREMETAKIS, Nádia. *The memory of the senses, part I: Marks of the Transitory*. In: (Ed.). *The senses still: perception and memory as material culture in modernity*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1996b. p. 1-18.

SILVA, Ana Fernandes. *Para que sobrevivias ao tempo Um estudo psicodinâmico sobre a criatividade com função reparadora no processo de luto*. Lisboa : ISPA, 2017.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. *Mnemosýne e lesmosýne: os atributos das Musas em Hesíodo*. (Texto avulso). Acesso em: 9 abr. 2020.

ZIEGLER, Jean. *Os vivos e a morte. Uma “sociologia da morte” no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

Webgrafia:

Zupo, D. (2015, 5 de Maio). Entrevista com José Luís Peixoto. [Video file]. Recuperado de <https://youtu.be/E2UgZUuDiul> Acesso em 12 de agosto de 2022.